

Silva, L. W. S. & Cerqueira, D. S. (2010).



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



O *SER* ADOLESCENTE GRÁVIDA – INTERFACES DA FAMÍLIA E REDE SOCIAL

Luzia Wilma Santana da Silva

Danielle Souza Cerqueira

NIEFAM/UESB.

RESUMO

Trata-se de um estudo de reflexão teórica que buscou transversalizar estudiosos que embasam seus estudos nas nuances que envolvem esta fase do ciclo vital, com o objetivo de desvelar a complexidade do *ser* adolescente em seus aspectos biopsicossociais e de vínculos familiares proximais e inter-relação com o grupo de pertença adolescente. A compreensão obtida direcionou para três eixos: “*ser* adolescente reveses e vieses – um processo de fazer-se ver, sentir e ser-existir”; “*ser* familiar de adolescentes reveses e vieses – o sentimento de pertença” e “*ser* de relações com o mundo – o contexto extrafamiliar de grupo de pertença do adolescente”. As discussões que envolvem a adolescência centram-se em desvelar as peculiaridades que permeiam essa fase do ciclo vital, direcionando a um olhar mais atento para efetivação de Políticas Públicas de Saúde e Educação que direcionem ações mais proximais ao *ser* adolescente, família e sociedade.

Descritores: Adolescência. Gravidez na adolescência. Relações familiares. Enfermagem



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



BEING A TEENAGER PREGNANT – INTERFACES OF FAMILY AND SOCIAL NETWORK

ABSTRACT

This is a study of theoretical reflection that sought transversalizes scholars of adolescence, the aim was to reveal the complexity of being a teenager in their biopsychosocial aspects, proximal family links and inter-relationship with the group of belonging. The understanding gained directed to three axes: "being a teenager set-backs and biases - a process to make yourself see, feel and there be," "be a teenager's familiar set-backs and biases – the feeling of belonging" and "being in relationship with the world - the extra-familial context of the teenager belong group. " The understanding about the adolescence theme focuses on unveiling the peculiarities that permeate this life cycle stage, pointing to a closer look at the effectiveness of Public Policy of Health and Education that direct their actions more proximal to the adolescent and family as a social context.

Keywords: Adolescence. Teenage pregnancy. Family relationships. Nursing.

INTRODUÇÃO



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069/90 (BRASIL, 1990), entende a adolescência como o período de vida que vai dos 12 aos 18 anos de idade. O MS, tomando por base a OMS, delimita a adolescência como a segunda década de vida (dos 10 aos 19 anos) (BRASIL, 2006). Essa é uma fase de transição entre a infância, já recusada pelo adolescente, e a vida adulta na qual se busca a tão sonhada liberdade. É um período de mudanças corporais e psicossociais, fase de transformações intensas e de luta para a conquista ou a reafirmação da identidade pessoal e aceitação do grupo de pertença.

Concomitantemente aos desenvolvimentos físicos e psicológicos, ocorrem modificações relacionadas à sociedade e a forma como esta é vista pelo adolescente; manifesta-se grande interesse pelas coisas que acontecem em sua volta, imprimindo no jovem o empenho pelos movimentos sociais. É nesse período que a importância do grupo de pertença evidencia-se e ocorre a busca para assumir a identidade de grupo e ser valorizado pelos amigos. Esse é um período de instabilidade emocional, por isso o adolescente encontra-se com os amigos, e noutras ocasiões mostra-se introspectivo, em estado de solidão, momento em que o adolescente busca por si, por sua nova forma de *ser* e compreender o mundo (ZAGURY, 2006).

Esta é uma fase de mudança, não só para o adolescente, mas para todo o sistema familiar. Os pais se veem inquietos pela possibilidade de seus filhos vivenciarem o uso das drogas, violência, promiscuidade sexual, gravidez e outros.

As influências externas promovem alterações significativas no processo de viver humano das famílias, quando estas se encontram na fase do ciclo vital em que a maioria dos seus subsistemas individuais são jovens, estão na fase escolar, ou seja, adolescentes vivenciando o mundo relacional com o grupo de pertença de sua idade na escola, nos clubes, nas praças, nos *shopping center*, e noutros espaços sociais, compartilhando suas histórias.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



O viver em família se configura em troca de conhecimentos e, principalmente, de valores éticos e morais, valores que, caso não encontrem subsistência no sistema familiar, acabam dissipando-se, influenciados por relações externas, visto que a família é um sistema aberto e, assim, sofre influência de outros sistemas como: a rede social de vizinhos, amigos, igreja, escola, trabalho, e outros grupos sociais.

Este sistema extrafamiliar traz suas influências para o meio intrafamiliar, e, num fluxo de circularidade, trocam informações tanto positivas quanto negativas, as quais terão maior ou menor peso na estrutura familiar, a depender dos valores morais e éticos norteadores do seu sistema relacional parental, sentimento de pertença, ou seja, na estrutura familiar.

Buscando um olhar diferenciado sobre a adolescência, este estudo procurou transversalizar teóricos que embasam seus trabalhos nas nuances que envolvem esta fase do ciclo vital, com o objetivo de desvelar a complexidade do *ser* adolescente em seus aspectos biopsicossociais de vínculos familiares proximais e inter-relação com o grupo de pertença adolescente.

O estudo surgiu da necessidade de embasar teoricamente uma pesquisa monográfica do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, o qual teve como objetivo conhecer a estrutura familiar e o contexto relacional extrafamiliar de adolescentes grávidas no município de Jequié – Bahia.

Estudos desta natureza, segundo Oliveira (1997, p.123), baseiam-se em “ampliar generalizações, definir leis mais amplas, estruturar sistemas e modelos teóricos, relacionar e enfeixar hipóteses numa visão mais unitária do universo e gerar novas hipóteses por força de dedução lógica”.

Nesse sentido, ampliamos nosso raio de visão sobre a temática gravidez na adolescência a partir de autores como Ceneide Maria de Oliveira Cerveney e Mercadante Esper Berthoud, sobre “Visitando a família ao longo do seu ciclo vital” e “Família e ciclo vital” (1997-2002); Tania Zagury, com “O adolescente por ele mesmo” (2006); Madalena Alarcão, com “(Des) Equilíbrios familiares” (2006) e Carlos E. Sluzki, com



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



“A rede social na prática sistêmica” (1997), na transversalidade de seus saberes para lançar luminosidade ao nosso olhar de modo a clarear os saberes acerca do *ser* adolescente grávida.

A compreensão das leituras, a partir da contextualização do material encontrado por meio de estudo dinâmico e exploratório, buscou estabelecer uma correlação entre os autores e suas contribuições. A compreensão obtida com vistas ao objetivo direcionou para três eixos: “*ser* adolescente reveses e vieses – um processo de fazer-se ver, sentir e ser-existir”; “*ser* familiar de adolescentes reveses e vieses – o sentimento de pertença” e “*ser* de relações com o mundo – o contexto extrafamiliar de grupo de pertença do adolescente”.

EXPOSIÇÃO TEÓRICO-REFLEXIVA

***Ser* adolescente reveses e vieses – um processo de fazer-se ver, sentir e ser-existir**

Ao iniciarmos a compreensão teórica sobre esse eixo temático, faz-se necessário compreender o *ser* adolescente e as alterações manifestas no corpo e no comportamento, sabidamente discutidos como a Síndrome da Adolescência Normal (SAN) – uma manifestação clínica considerada como síndrome, embora não encontre respaldo na ciência da patologia como alteração patológica.

O estudo desta síndrome encontra-se respaldado na ampla literatura da área de pediatria. Segundo Knobel (1990. In: ABERASTURY, 1990), é caracterizada por: busca de si mesmo e da identidade adulta; separação progressiva dos pais; tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; crises religiosas; deslocação temporal; contradições sucessivas nas manifestações de conduta; atitude social reivindicatória; constantes flutuações do humor e do estado de ânimo, e evolução sexual.

Todas as peculiaridades da SAN voltam-se para a ‘busca de si mesmo e da identidade adulta’ visando a concretizar sua personalidade, interesses e planos,



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



convertendo-se em um período de aprendizagem para a vida adulta (KNOBEL, 1990. In: ABERASTURY e cols, 1990).

Segundo Erikson (1963 apud WHALEY e WONG, 1999), no início da adolescência há a necessidade de identificar-se com um grupo a fim de construir sua própria identidade, ou seja, pertencer e defender uma identidade grupal alimenta sua sensação de identidade pessoal. Cervený (1997 p. 93-94) define identidade como “a opinião de alguém sobre quais traços e características o descrevem melhor”. Assim, o grupo busca peculiaridades que o definam e exige a padronização de comportamentos, vestimentas e atitudes às características do grupo, ou seja, assumir a identidade do grupo a fim de diferenciar-se dos demais grupos e, finalmente, “construir” sua singularidade (CERVENY, 1997).

Essa identificação grupal fortalece-se à medida que os pais estabelecem mais flexibilidade, garantindo apoio ao adolescente quando este não se sentir capaz de lidar sozinho com as adversidades cotidianas. Desse modo, o afastamento na busca de novas experiências ocorre em níveis variados de independência e o adolescente adquire confiança em si, sentindo-se preparado para responder por seus atos. Porém, quando a família não está disponível ou não há adultos que possam dar assistência, as dificuldades da tarefa de separação são maiores (CERVENY, 1997).

Segundo Sluzki (1997) uma das funções da rede social pessoal é a regulação social, caracterizada por interações que lembram e reafirmam responsabilidades e papéis, neutralizam os desvios de comportamento que se afastam das expectativas coletivas, e, estando o grupo de pertença inserido nesse contexto, busca regular a conduta do adolescente a fim de exercerem papéis semelhantes perante a sociedade.

Assim, inicia-se no grupo de pertença do adolescente expectativas quanto aos papéis sexuais e aos comportamentos adotados para exteriorização dessas decisões. É um período de grandes conflitos emocionais e variável aceitação, dependendo do contexto em que vivem. Nesse sentido, estabelecer um comportamento emocional gera



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



insegurança e instabilidade, pois o adolescente oscila entre condutas maduras e infantis (ERIKSON, 1963 apud WHALEY e WONG, 1999).

Na puberdade, as alterações hormonais manifestam-se pela maturação das características sexuais secundárias e fazem aflorar os impulsos sexuais acompanhados do interesse dos adolescentes pelos seus órgãos genitais. Nesse momento, faz-se necessário um acompanhamento mais fiel e flexível por parte da família, da escola, dos amigos, no intuito de orientar e deixar que o adolescente se descubra. Atualmente busca-se uma definição de quem é o responsável pela orientação sexual dos adolescentes, mesmo com todos os avanços nas discussões sobre o tema, muitas famílias negam essas orientações acreditando que poderão estimular a atividade sexual dos seus filhos, fazendo com que os espaços para o diálogo em família sejam limitados. A orientação sexual tem sido trabalhada, mais frequentemente, nas escolas e em grupos de jovem e, mesmo recebendo críticas da sociedade e da igreja, essa iniciativa representa uma conquista nos tempos atuais para o *ser* adolescente (ZAGURY, 2006).

Conquista esta que promove a saúde, uma vez que permeia no mundo do *ser* adolescente a busca do desconhecido e o lançar-se sem medir as consequências dos seus atos, visto que na fase de transição em que se encontra, entre a infância e a fase adulta, vê-se inexperiente na tomada de decisões mais assertivas. Assim, predispõe-se diante do que deseja desvelar, e nesse desvelamento pode deparar-se com as drogas, com as doenças sexualmente transmissíveis (DST), HIV/AIDS, gravidez indesejada, entre uma *multivariabilidade* de fatores danosos ao seu processo de viver humano adolescente.

***Ser* familiar de adolescentes reveses e vieses – o sentimento de pertença**

Cerceny e Berthoud (2002), analisando a família como um sistema aberto, ou seja, sujeito a mudança, afirmam que o indivíduo não pode ser reconhecido separadamente do seu sistema familiar, pois ambos interagem num movimento de



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



circularidade na tentativa de organizar-se. Assim, as mudanças diversas na vida dos adolescentes influenciam a convivência no sistema familiar.

O significado atribuído à família assenta-se na compreensão de sua inter-relação dinâmica nas diversas fases do ciclo vital e suas variações quanto aos tipos de família, discutidos na atualidade, que vai desde a nuclear à família extensa. Considera-se, no entanto, as modificações sociais, como a presença cada vez mais constante das mulheres no mercado de trabalho e sua maior participação na sustentabilidade familiar. Contrapondo a estrutura familiar tradicional, do pai como principal provedor e a figura materna como a responsável pelas tarefas domésticas e cuidados aos filhos, essa realidade tem se transformado, principalmente nas famílias brasileiras de nível socioeconômico médio (WAGNER, 2005).

Segundo Alarcão, o processo de desenvolvimento familiar denominado ciclo vital pode sofrer alterações em sua forma, diferenciando-se daquelas que lhe deram origem e, entende por novas formas familiares “um conjunto diversificado de configurações familiares distintas da família nuclear tradicional e da família de três gerações”, configurando vários tipos de família, nuclear, reconstruída, mono-parental, adotiva, dentre outras (ALARCÃO, 2006, p. 203-204).

Essas variações de tipo familiar trazem divergências acerca da educação e responsabilidade com os filhos e, especialmente, para os adolescentes que vivem numa fase de autodefinição, necessitando de um ponto de apoio que os façam sentir-se seguros. Nesse sentido, Alarcão (2006) afirma que os adultos devem respeitar os sentimentos, valores, atitudes e os comportamentos dos adolescentes. Aponta três importantes condutas para a convivência intrafamiliar com um adolescente: o diálogo, no intuito de tornar o adolescente ciente dos medos, dificuldades e falhas vividas pelos pais; o elogio, a fim de que os filhos saibam em quais aspectos os pais se agradam; e a determinação de limites, necessária para o desenvolvimento saudável dos filhos. Ressalta ainda a importância da relação vertical entre pais e filhos, na busca da negociação e da flexibilização das regras familiares (organização hierárquica). Na



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



perspectiva da autora, o adolescente sentir-se-á mais livre para explorar outros ambientes e a convivência com outras pessoas, por isso, os pais devem estar aptos a apoiar seus filhos na busca pela sua autonomia para a próxima fase do ciclo vital – a adulta.

Gimeno (2003, p. 164) salienta que “as regras são um importante elemento de análise da realidade familiar e baseiam-se numa escala de valores [...], podem manter-se por costume e podem ser também um obstáculo para os processos de mudança”. Daí a necessidade da flexibilização destas, e da renúncia de alguns papéis até então desenvolvidos pelos pais, possibilitando a adaptação a essa nova etapa e às exigências a ela vinculadas.

No entanto, é preciso considerar as variações de famílias existentes na sociedade atual, de modo a desenvolver um olhar diferenciado para sua estrutura e organização, tendo em vista o *ser* adolescente, no sentido de considerar os *multiversos* comportamentos destes jovens oriundos do sistema familiar de pertença, e assim perspectivar as mudanças de comportamento e as diferentes configurações familiares nas quais possam os adolescentes estar inseridos, quanto aos valores morais e éticos apreendidos.

Ser de relações com o mundo – o contexto extrafamiliar de grupo do adolescente

Sluzki (1997, p. 41) compreende rede social como sendo “a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade”. Daí a necessidade de olhar o adolescente como parte de um sistema extrafamiliar, compreendendo-o como *ser* de relações com o mundo onde estão inseridos os grupos de interesse do adolescente, os quais desempenham funções diferenciadas, exercendo influência para as decisões e prioridades do adolescente.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



Sluzki (1997) assinala que as funções da rede social são: companhia social; apoio emocional; guia cognitivo e de conselhos; regulação social; ajuda material e de serviços e meio de acesso a novos contatos.

O autor infere que cada vínculo da rede pode desempenhar várias funções, e essa condição mostra-se mais presente nas relações familiares e de amizades íntimas, uma vez que tem especificidades mais favoráveis para compartilhar momentos significantes na vida do outro, ou seja, a estabilidade e a confiabilidade do vínculo resultam em uma combinação de funções, as quais caracterizam um indivíduo como integrante de uma rede social, assumindo a identidade do grupo, reproduzindo, às vezes imperceptivelmente, comportamentos, conhecimentos e transmitindo/alimentando da mesma forma à rede grupal (SLUZKI, 1999).

Nesse sentido, percebe-se a importância do vínculo da escola e dos serviços de saúde no caminhar do adolescente, pois é nesse momento que se transmitem valores próprios da sociedade, e o adolescente passa a identificar os desvios presentes no seu contexto. Segundo Sluzki (1999), quando um indivíduo se vê numa posição de falta de controle, ou seja, de impossibilidade de mudar o meio, tende a desenvolver a capacidade de ser ativo, gerar mudanças e prevenir consequências negativas. No entanto, para isso vir a realizar-se é necessário que o indivíduo esteja inserido e participante em sua rede social, dessa forma, poderá desenvolver pensamento crítico, agir conforme valores próprios e contribuir para a construção do seu grupo de pertença.

Toda a compreensão que vem se adquirindo ao longo do tempo sobre essa fase do ciclo vital encontra ressonância com a política pública de saúde criada para a faixa etária adolescente no Brasil pelo Ministério da Saúde no final dos anos 80, a exemplo, o PROSAD (Programa Saúde do Adolescente), 1989, que se fundamentou numa política de promoção de saúde, de identificação de grupos de risco, detecção precoce dos agravos com tratamento adequado e reabilitação, respeitando as diretrizes do SUS, garantidas pela Constituição Brasileira de 1988. Um dos objetivos desse Programa refere-se a promover a saúde integral do adolescente, favorecendo o processo geral de



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



seu crescimento e desenvolvimento, buscando reduzir a morbimortalidade e os desajustes individuais e sociais (BRASIL, 1989).

Uma das estratégias propostas pelo PROSAD para as áreas prioritárias programadas é (BRASIL, 1989 p. 23):

Promover a participação do adolescente em ações educativas que permitam a esse grupo reconhecer-se a si próprio e ao seu contexto familiar, comunitário e social, assim como permitir aos pais, educadores e sociedade o conhecimento da adolescência.

Diante dessa estratégia observa-se o quão necessário se faz o conhecimento sobre crescimento e desenvolvimento na adolescência, não só pelo adolescente, mas por todos que envolvem sua rede de relações. Assim, entre as dez estratégias citadas no item cinco das Bases Programáticas do PROSAD a acima citada vem trazer para seu eixo de interseção as demais, ampliando sua dimensão, visto permear inicialmente pelo reconhecimento de si mesmo do próprio adolescente.

A sexualidade é vista no Programa em ampla dimensão envolvendo aspectos do desenvolvimento sexual e as influências no adolescente e com todos os envolvidos em sua rede social, principalmente no que se refere ao grupo de pertença proximal. Assim, “o desenvolvimento sexual do adolescente sofre as influências dele próprio, da família, de sua cultura e subcultura, e de seus companheiros, sendo que a pressão do grupo seja, talvez, o fator mais poderoso para determinar seu comportamento” (BRASIL, 1989 p. 16).

Um número significativo de jovens entrará na puberdade livre de IST/HIV/AIDS e de grandes problemas sexuais, e é responsabilidade da sociedade e dos profissionais preservarem esses adolescentes. Nesse sentido, a manutenção de políticas públicas e a capacitação dos profissionais para atuarem com essa faixa etária tornam-se imprescindíveis para o cumprimento dos objetivos propostos no PROSAD (BRASIL, 1989).

O fato de o adolescente estar em fase de identificação de sua sexualidade, pode emergir, junto a essas descobertas, consequências indesejáveis, como gravidez precoce,



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



uso indevido de métodos anticoncepcionais, aborto, vitimização, IST/HIV/AIDS e traumas psicossociais. Em relação à gravidez na adolescência, as causas principais indicadas são: falta de informações, difícil acesso aos serviços especializados, desconhecimento de métodos anticoncepcionais, procura de uma relação afetiva ou mesmo experimentação sexual. Assim, a responsabilidade da sexualidade adolescente e de uma gravidez não planejada não deve ser exclusiva desta faixa etária – adolescente e de sua família –, mas compartilhada com toda a sociedade (BRASIL, 1989).

O Estatuto da Criança e do Adolescente, criado em 1990, veio reforçar os direitos enunciados no PROSAD e na Constituição Federal Brasileira, destacando o direito à informação, à vida e à saúde de crianças e adolescentes, porém o Estatuto como documento não especifica a temática sexualidade, mas assegura o direito à maternidade com proteção para a adolescente no âmbito da prevenção e proteção à saúde. Destaca que o adolescente deve estar subsidiado pela manutenção de sua rede social no que diz respeito à regulação social, dispendo de adultos que possam apoiá-lo afetiva e emocionalmente, orientá-lo, ajudá-lo a tomar as decisões e resolver os dilemas que se apresentam (UNICEF, s/d; BRASIL, 1990).

Segundo o relatório da UNICEF (s/d), as políticas públicas de saúde e educação têm uma tarefa essencial – a área da sexualidade. De acordo com as avaliações dos próprios adolescentes, apresentadas neste relatório, ainda era insuficiente o avanço já realizado nesse campo para diminuir as situações de vulnerabilidade e risco. Assim, as iniciativas de organizações governamentais e não-governamentais, sociedade e família de trabalhar em conjunto, integrando ações, compartilhando informações e metodologias, representam uma estratégia que deve ser incentivada e ampliada, ou seja, a integração da rede social torna-se importante para o desenvolvimento psicossocial do adolescente, no sentido de sustentá-lo em suas novas descobertas e iniciativas nos direitos, objetivando ainda garantir o grupo de pertença.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



ENTREMEANDO OS EIXOS TEMÁTICOS: CONSIDERAÇÕES REFLEXIVAS

As discussões que envolvem o *ser* adolescente centram-se em desvelar as peculiaridades que permeiam essa fase do ciclo vital. Pode-se perceber que o crescimento e desenvolvimento durante a fase púbere ocorrem paralelamente às modificações cognitivas e psicossociais, sendo um momento, também, de reafirmação da personalidade, da vida social, das motivações e dos interesses.

A adolescência não é uma fase que deva ser vista isoladamente, considerando apenas os anseios e percepções próprias desta fase. É preciso amplitude de olhar para perceber sua ampla necessidade de inserir-se nos grupos de pertença e descobrir-se com novos papéis sociais junto ao seu sistema familiar e social que precisam ser valorizados pelos profissionais de saúde, educação e pela sociedade em geral.

A adolescência é uma fase onde as influências intra e extrafamiliares podem divergir, fazendo emergir conflitos internos à vida dos adolescentes. Trata-se, pois, de uma fase de inúmeras indagações, vulnerabilidade e labilidade emocional, que exige aprimoramento das políticas públicas e efetivação de suas ações no direcionamento do alcance do *ser* adolescente na especificidade em que se reveste tal fase do ciclo vital.

Pois, embora existentes, as políticas públicas ao adolescente são tímidas e tem-se mostrado com pouca efetividade em alcançar a complexidade e *multidimensionalidade* que enlaça essa fase do ciclo vital que se encontra, sobremaneira, exposta a uma multiplicidade de riscos e vulneráveis socialmente. O PROSAD não emplacou como esperado, e suas atividades, cujo objetivo é melhorar os níveis de saúde da população adolescente (BRASIL, 1989), atualmente, passados 20 anos de instituído, ainda é pouco executado e, por conseguinte, pouco valorizado no âmbito da Saúde Pública, refletindo no aumento ano a ano da gravidez indesejada na adolescência, nas IST/HIV/AIDS, na violência social urbana e na alta incidência do uso de drogas ilícitas nessa fase do ciclo vital, configurando uma faixa etária de riscos, danos e agravos ao processo de viver humano saudável, exigindo por isto um olhar mais atento para efetivação de Políticas



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



Públicas de Saúde e Educação que direcionem ações mais proximais ao *ser* adolescente, família e sociedade.

Ser adolescente

Viver crescente

Ente da gente

Gente reluzente

Ser adolescente

Adolescente ...

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. **Adolescência**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ALARCÃO, Madalena, (Des) **Equilíbrios familiares**. 3. ed. Coimbra: Quateto, 2006.

BRASIL, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília (DF): Rev Bras Enferm, Brasília 2007 maio-jun; 60(3):279-85. Imprensa Oficial; 1990.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens**. Brasília; 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Programas Especiais de saúde. Divisão Nacional de Saúde Materno Infantil. **Programa Saúde do Adolescente: Bases Programáticas**. Brasília, 1989.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; BERTHOUD, Mercadante Esper. **Visitando a família ao longo do seu ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997

GIMENO, Adelina. **A família: o desafio da diversidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



OLIVEIRA, Sívio Luiz de. Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografia, dissertações e teses. Rio de Janeiro: Pioneira, 1997.

SLUSKI, Carlos E. **A rede social na prática sistêmica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

UNICEF. http://www.unicef.org/brazil/pt/sab_3.pdf. Acessado em 03/10/2009 às 22:24)

WHALEY, Lucille; WONG, Donna L. **Enfermagem pediátrica: elementos essenciais à intervenção efetiva**. 5. ed. [S.l.] Guanabara Koogan, 1999.

ZAGURY, Tania. **O adolescente por ele mesmo**. 15 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.